



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

Reitor

Prof. Dr. Paulo Roberto Pinto Santos

Vice-Reitor

Prof. Dr. Fábio Félix Ferreira

Pró-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários

Prof.^a Me. Maria Madalena Souza dos Anjos Neta

Diretora da Edições UESB

Maria Dalva Rosa Silva

Editor

Jacinto Braz David Filho

Coordenador Administrativo-Financeiro

Romildo Pereira Chaves

COMITÊ EDITORIAL

Prof.^a Dr.^a Almiralva Ferraz Gomes (DCSA/VC)

Prof. Dr. César Augusto Casotti (DS/Jequié)

Prof. Dr. Cláudio Lúcio Fernandes Amaral (DCB/Jequié)

Adm. Jacinto Braz David Filho (Edições UESB/VC)

Prof. Dr. Joaquim Perfeito da Silva (DFCH/VC)

Prof. Me. Jorge Luiz Santos Fernandes (DCSA/VC)

Prof.^a Me. Lídia Nunes Cunha (DH/VC)

Prof. Dr. Marcos Antonio Pinto Ribeiro (DQE/Jequié)

Prof.^a Maria Dalva Rosa Silva (Edições UESB/VC)

Prof.^a Me. Maria Madalena Souza dos Anjos Neta (PROEX/VC)

Prof.^a Dr.^a Patrícia Anjos Bittencourt Barreto (DEAS/VC)

PRODUÇÃO EDITORIAL

Capa

Warley Souza dos Reis

Imagens da capa

Fotografias de Maria Aparecida de Oliveira Silva: 1) Kylix Ática, 480-470 a.C. Apolo em libação. Museu Arqueológico de Delfos; 2) Muralhas de Atenas e o Pártenon; 3) Propileu; 4) Eritreu e o Pórtico das Cártes; 5) Pártenon. Imagem em marca d'água: Papyrus Oxyrhynchus 16 (Fragmento do livro IV da História da Guerra do Peloponeso, de Tucídides). University of Pennsylvania Museum.

Editoração Eletrônica

Ana Cristina Novaes Menezes (DRT-BA 1613)

Revisão de linguagem

Luciana Moreira Pires Flôres e Yuri Chaves Souza Lima

Normalização Técnica

Luiz Otávio de Magalhães

egba

Impressão e acabamento: Empresa Gráfica da Bahia

Rua Mello Moraes Filho, nº 189, Fazenda Grande do Retiro – Salvador - Bahia. CEP: 40352-000

Telefones: (71) 3116-2837/2838/2820 – Fax: (71) 3116-2902 – E-mail: encomendas@egba.ba.gov.br

Tipologia: Garamond 11/15/papel Pólen Soft Imune 80g/m²

Em julho de 2016.

SECRETARIA DA
EDUCAÇÃO

BAHIA
GOVERNO DO ESTADO

ANDERSON ZALEWSKI VARGAS
LUIZ OTÁVIO DE MAGALHÃES
MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA SILVA
(ORGANIZADORES)

HERÓDOTO E TUCÍDIDES: HISTÓRIA E TRADIÇÃO

PREFÁCIO
JACYNTHO LINS BRANDÃO

TRADUÇÃO
ANDERSON ZALEWSKI VARGAS
LUIZ OTÁVIO DE MAGALHÃES
MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA SILVA



EDIÇÕES UESB

Vitória da Conquista
2016

CAPÍTULO 9

DENSUS ET BREUIS: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTILO DE TUCÍDIDES

Adriana Manuela de Mendonça Freire Nogueira

Este capítulo foca alguns dos elementos mais característicos da escrita de Tucídides, estruturando-os em pequenas seções que abrangem a *variatio*, os paralelismos, os *hâpax legômena*, as abstrações, as definições de conceitos, as generalizações e o uso de documentos *verbatim*.

Falar de estilo é falar do que distingue um autor de outros e das suas escolhas dentro dos textos que escreve. Caso contrário, se nos limitamos a enumerar características da escrita, estamos apenas a fazer comentários linguísticos e não estilísticos. Podemos, pois, dizer, que o estilo é um epifenômeno da língua (DOVER, 1960, p. 66).

O estilo de Tucídides foi comentado na Antiguidade por vários autores, destacando-se Dionísio de Halicarnasso (também ele historiador, além de crítico literário; c. 60->7 a.C.), Cícero (106-43 a.C.) e Quintiliano (35-100). O primeiro escreveu um tratado sobre o autor, cuja validade crítica foi contestada por alguns estudiosos,¹ embora, mesmo demonstrando incompreensão sobre o estilo de Tucídides, não

¹ Como Benjamin Jowett, no século XIX, e Adam Parry no século XX.

deixe de ser um valioso documento para o entendimento da recepção da *História da Guerra do Peloponeso*. No seu tratado *Sobre Tucídides* (onde cita 69 passagens deste autor), Dionísio explora as dificuldades de estilo deste historiador grego, que considerava pouco claro e difícil, mesmo para os seus conterrâneos dos séculos V e IV a.C., e, na *Segunda Carta a Aneu*, exemplifica algumas das críticas que fizera no tratado anterior. Contudo, apesar de reprovar, entre outros, o uso de palavras obscuras e arcaicas, dando como exemplo *tò akraiphnês* (I.19,1; I.52,2 – unicamente aplicado por Tucídides na prosa ática), na sua própria obra *Das Antiguidades Romanas*, Dionísio usa este adjetivo com frequência.²

Cícero era admirador de Tucídides, mas faz o mesmo tipo de queixas sobre a inteligibilidade das construções sintáticas (*Orator*, 9.30): “esses mesmos discursos têm tantas frases obscuras e escondidas que dificilmente são entendidas” (*ipsae illae contiones ita multas habent obscuras abditasque sententias uix ut intellegantur*); e refere-se depreciativamente aos que querem imitar o seu estilo austero (*grauitas*), pois os que pensam que são iguais a Tucídides apenas “fazem umas certas [frases] truncadas e com hiatos” (*Orator*, 9.32: *cum mutila quaedam et hiantia locuti sunt*). Cícero que, tal como Dionísio de Halicarnasso, estava mais interessado nas qualidades dos oradores, percebe que a qualidade de Tucídides não se adapta à oratória que se exercia no mundo romano de então: “[Tucídides] é louvado por todos, reconheço, mas como um perspicaz, sério e austero explicador de factos, não para apresentar causas nos tribunais, mas para narrar as guerras na história” (*Orator*, 9.31: *At laudatus est ab omnibus. Fateor; sed ita ut rerum explicator prudens, seuerus, grauis, non ut in iudiciis versaret causas, sed ut in historiis bella narraret*). E louva as qualidades de Tucídides e de Heródoto, começando por este último: “De facto, Heródoto flui como um rio tranquilo quase sem nenhuma asperezas; Tucídides move-se mais vigorosamente e, nas narrativas de batalhas, parece mesmo que se ouve o sinal de combate” (*Orator*, 39: *alter enim sine ullis salebris quasi sedatus amnis fluit, alter incitator fertur et de bellicis rebus canit etiam quodam modo bellicum*).

² Ver n.7 ao comentário do cap. 24 (PRITCHETT, 1975, p. 85): *tò akraiphnês* – “em estado puro”.

A comparação entre ambos é retomada por Quintiliano (*Institutio Oratoria*, 10.1.73), a quem fui buscar parte do título deste trabalho:

Tucídides é denso e conciso e está sempre a puxar por si, enquanto Heródoto é agradável, límpido e abundante: aquele é melhor nos sentimentos violentos, este nos suaves, aquele é melhor nos discursos, este nas conversas, aquele é melhor no vigor, este na delicadeza.

Densus et brevis et semper instans sibi Thucydides, dulcis et candidus et fusus Herodotus: ille concitatis, hic remissis adfectibus melior, ille contionibus, hic sermonibus, ille vi, hic voluptate.

Esta passagem pelo mundo romano permite fazer uma ideia do que se considera como mais característico do estilo de Tucídides: concisão, austeridade, vigor. Ao ler Tucídides, verificamos que, efetivamente, o seu estilo passa por aí, mas não pode ser a isto reduzido, dada a riqueza que se consegue apreciar no original ou no reflexo que as traduções nos revelam. O seu modo de dizer procura ser conforme ao propósito que o rege: o de escrever a história da guerra mais importante de todo o mundo grego (I.1,1-2). Isto se deve ao fato de acreditar que se pode aprender com as lições da história (I.22,4; II.48,3), bem como ao de considerar que pode contribuir para essa mesma aprendizagem: os gregos têm ideias inexatas da sua história, e é preciso buscar a verdade que tem sido preterida (I.20,3). E isso só se consegue com a isenção que diz ser característica do seu método, pois afirma que não confia completamente nos testemunhos que lhe prestam, visto saber que os informantes são tendenciosos para com o lado com que simpatizam, além da memória lhes poder falhar (I.22,2-3). Quanto ao estilo propriamente dito, Tucídides previne que possa parecer menos agradável para a audiência, pela ausência do fabuloso (I.22,4).

Na verdade, Tucídides não está circunscrito a um gênero literário narrativo que lhe imponha regras, mas inscreve-se na comunidade linguística do seu tempo, partilhando-a com autores como Sófocles, Eurípidas e Platão. A influência de alguns sofistas na sua escrita,

nomeadamente Pródico, Protágoras e Antifonte, não está provada, muito menos a de Górgias (FINLEY JR., 1967, p. 57), visto que a primeira ida deste sofista a Atenas data de 427 a.C., e Tucídides foi exilado após a derrota na batalha de Anfípolis, no inverno de 424 a.C.

O que se poderá afirmar é a existência de uma comunhão de gosto pela precisão das palavras e por uma expressão que poderia parecer arcaizante aos olhos (e ouvidos) do século I (a.C. e d.C.), visto que Lísias, em V-IV a.C., instaurou uma prosa bem mais clara e transparente, adequada à oratória que praticava (muito do que produzia, na sua atividade de logógrafo, era para outros pronunciarem, tendo, portanto, que ser inteligível), muito próximo do que se veio a chamar o estilo simples.

Ainda livre de espartilhos de gênero, Tucídides pôde usar a linguagem que considerava ser a mais adequada à expressão do que queria transmitir. Quando escreve a *História da Guerra do Peloponeso* (acreditando que o faz após a guerra ter terminado), recorre à sua memória algo cristalizada e usa as formas e estilos do tempo a que se reporta, em que o estabelecimento da prosa ática não a tinha ainda separado (na escolha vocabular, por exemplo) da poesia³ e das emoções. Quando quer designar, por exemplo, o estado emocional em que os atenienses se encontravam e o desejo e arrebatamento que sentiam para partir na expedição que os levaria à Sicília, Tucídides emprega o verbo *epithuméo* (VI.24,2: “intenso desejo”); para indicar a paixão que os movia, utiliza o substantivo *erós* (VI.24,3: “desejo imenso”); e para expressar um desejo ou vontade, usa o substantivo *póthos* (VI.24,3: “desejo de ver longínquas paragens e panoramas” – πόθω ὀψεως καὶ θεωρίας):

E eles não perderam nada o *intenso desejo* de realizar a expedição, apesar das complicações dos preparativos [...].
[3] Um *desejo imenso* de navegar para a Sicília apoderou-se de todos eles igualmente [...]; os que estavam na idade em que podiam servir, tinham o *desejo* de ver longínquas paragens e

³ O estilo de Tucídides tem sido comparado com o dos tragediógrafos, especialmente com o de Eurípides.

panoramas e ao mesmo tempo tinham a esperança de voltarem a salvo.

Tucídides não se inibe de criar neologismos, de usar palavras que hoje colocamos na lista de *hápax legómena*, de demonstrar os diversos tipos de *lógoi* usados em diferentes situações (debates, diálogos, *lógoi* epidícticos, exortativos, deliberativos) ou de introduzir documentos *verbatim*. E o que mais se destaca, por ocupar uma grande parte da obra e ser evidente em qualquer tradução, são os discursos. O lugar que têm na construção da *História da Guerra do Peloponeso* é aceite como primordial e já não há quem considere que poderiam ser retirados para fazer deles um outro texto, pois estão perfeitamente integrados na narrativa, permitindo o uso de alguns recursos que se tornaram característicos do autor, como sejam a *uariatio* e a construção antitética.

Variatio

A *uariatio* é umas das características mais evidentes do estilo de Tucídides. Ao explorar as várias manifestações lexicais que uma ideia pode conter, permite uma maior clarificação de ideias e concretizações. Além disso, a variação também é necessária para que as antíteses não se tornem monótonas e rígidas na sua expressão da simetria, como nota Finley Jr. (1963). A *uariatio* é aplicada a nível morfológico, sintático, lexical, em todas as categorias de palavras, como o demonstra o completo estudo de Ros (1943), cabendo aqui apenas algumas abonações.

O exemplo que escolhi diz respeito à marcação do tempo, que em Tucídides é um dado importante, como se pode verificar pelo destaque que lhe dá e pelo modo como organiza a narrativa, marcando-a com a cadência das estações do ano. Aqui, a *uariatio* se faz sentir na alternância entre numerais ordinais e cardinais e no complemento de tempo, que alterna entre dativo e acusativo:

● Em VI.3,3, marca o tempo com o numeral ordinal, em dativo, e *metá* com participio e nome, em acusativo, numa construção

quase de acusativo absoluto: ἔτει πέμπτῳ μετὰ Συρακούσας οἰκισθείσας – “No quinto ano depois da fundação de Siracusa”.

● Em VI.4,3, marca o tempo com o numeral ordinal, em dativo, e *metá* com acusativo de nome com complemento determinativo em genitivo: ἔτει πέμπτῳ καὶ τεσσαρακοστῷ μετὰ Συρακουσῶν οἰκισιν – “Quarenta e cinco anos depois da fundação de Siracusa”.

● Em VI.4,4, marca o tempo com o numeral cardinal e *metá* com acusativo: ἔτει δὲ ἐγγύτατα ὀκτῶ καὶ ἑκατὸν μετὰ τὴν σφετέραν οἰκισιν – “Perto de cento e oito anos depois da sua fundação”.

A *uariatio* no vocabulário é também muito frequente. Num único capítulo (II.87), podemos encontrar *apeiria* (“inexperiência”) em oposição tanto a *epistēmē* – “perícia” – como a *téchnē*, que também pode ser traduzida como “perícia”, tornando estas duas palavras sinônimas, como o percebeu e transmitiu Rosado Fernandes, na opção que apresenta na tradução que fez para a edição portuguesa. Porém, mantendo o espírito da *uariatio*, Jacqueline de Romilly distingue-as neste passo (*science e métier*), bem como Robert Strassler, na edição revista de Richard Crawley (*science e art*).

O mesmo acontece com *kakía* (“cobardia”), que se opõe de modo igual a *tólmē* (“coragem”) e a *andreía* (“bravura”), tornando-as, assim, sinônimas. A esta sinonímia de “coragem” poderíamos juntar *eupsychia* (“coração intrépido”).

Temos um bom exemplo de antítese e *uariatio* no início do discurso de Diódoto, em III.42,1 e do seu uso retórico: “Οὔτε τοὺς προθέντας τὴν διαγνώμην αὐθις περὶ Μυτιληναίων αἰτιῶμαι, οὔτε τοὺς μεμφομένους μὴ πολλαίς περὶ τῶν μεγίστων βουλευέσθαι ἐπαινῶ”.

O general começa o seu discurso com duas frases iniciadas por conjunções coordenativas correlativas, que, quando se ouve a primeira, levam a audiência esperar ouvir a outra: nem... nem (*oúte...oúte*). E estas negativas são uma aparente imparcialidade, pois levam o auditório (e o leitor) a supor um paralelismo entre ambas as partes. Mas vejamos: temos dois verbos, um com sentido negativo (criticar: *aitiômai* = dizer mal) e outro com sentido positivo (louvar: *epainô* = dizer bem):

a) não vou criticar (= não vou dizer mal)...

b) nem vou louvar (= nem vou dizer bem)...

... alguma coisa, coisa essa que se espera que seja a mesma.

Mas o que, na realidade, diz é:

a.1) “*Não vou criticar* os que propuseram que se voltasse a analisar a questão dos mitilênios”; o que será equivalente a “*vou louvar* os que propuseram que se voltasse a analisar a questão dos mitilênios”.

Por outro lado, na frase correlativa, o que diz é:

b.1) “*nem* tão pouco *vou louvar* os que se opuseram (lit. “os que não quiseram”; *mē ... bouleúesthai*) a que se pusessem à consideração os assuntos mais importantes”, o que é equivalente a “*vou criticar* os que se opuseram”.

Portanto, temos:

a.2) não + verbo negativo (criticar = não louvar) + frase afirmativa = não vou não louvar os que propuseram...

E, no segundo caso, temos:

b.2) não + verbo positivo (não louvar) + frase negativa (não quiseram) = não vou louvar os que não quiseram...

Ao variar o complemento que se segue aos verbos, está a fazer, desde logo, a afirmação de que “a questão dos mitilênios” faz parte do grupo de “assuntos mais importantes”; além disso, aquilo que parecia ser “não vou criticar nem uns nem outros” resulta em “vou criticar uns e louvar outros”.

Estilo antitético e paralelístico

As antíteses surgem em Tucídides de várias formas, quer na escolha vocabular, quer em estruturas sintáticas, quer em estruturas maiores, como a apresentação de dois discursos paralelos. Não me estou a referir aos discursos apresentados em assembleias, em que as partes em

confronto se digladiam verbalmente, apresentando, ora uma ora outra, os seus argumentos em contraditório. Destes, há exemplos famosos, como o diálogo dos melios (V.84,1-V.111), em que os habitantes da ilha de Melos tentam argumentar com os atenienses para que os deixem permanecer neutrais e não os sujeitem à escravatura, ou o discurso de Mítilene, no qual se opõem os generais atenienses Cléon e Diódoto: o primeiro é a favor da punição dos mitilênios, dando liberdade à ira, e o segundo a favor de que só se deve agir no interesse da cidade, mesmo que se tenha de deixar uma transgressão por vingar (III.37-48).

Refiro-me a dois discursos paralelos, em que as partes em conflito não se estão a ouvir, mas o seu discurso versa o mesmo tema, pois cada um sabe que o inimigo se está a preparar. O exemplo é o do anteriormente referido capítulo 87 do livro II, do qual irei extrair exemplos das diversas vertentes do estilo tucididiano.

A exortação que os chefes peloponésios (entre os quais se encontra Brásidas, famoso pela sua capacidade oratória) fazem às suas desanimadas tropas que se encontram na margem aqueia do rio (enquanto Fórmion está na margem molícria deste cabo que pouco dista de Patras) estrutura-se entre um “nós” e um “eles”, contrapondo as suas virtudes aos defeitos dos inimigos, aligeirando as suas imperfeições com o menosprezo pelas qualidades dos opositores. É assim que, neste passo, *apeiría* (“inexperiência”) se opõe, por um lado, a *empería* (“experiência”) e, por outro, a *epistémē* (II.87,4); e *kakía* se opõe quer a *tólma* quer a *andreía*.

Paralelamente, no discurso de Fórmion às suas tropas, em II.89, encontramos vocabulário semelhante ao usado no discurso anterior: são, por ambos, os atenienses caracterizados como possuidores de *eupsychia* e os lacedemônios como detentores de *andreía*. Por outro lado, discordam sobre a *tólma* (“ousadia”), que os atenienses acham que os outros não têm (II.89,5), mas que os peloponésios acham que sim, que têm (II.87,4, na variante *tólme*). Quando qualifica a fraqueza dos lacedemônios, Fórmion usa também *apeiría* e *tólma*, aqui negada e na forma abstrata: *atolmía* (“falta de ousadia”; II.89,7).

Entre os pares em oposição encontramos ainda *tyché* (“Fortuna”)/*gnómē* (“espírito, determinação”), uma antítese corroborada por Antífote, como refere Pierre Huart (1973, p. 169). Mesmo não colocada numa estrutura em contraponto, as mesmas palavras repetem-se num e noutra lado do rio: o verbo *phobéō* (“recear”) e nomes como *phóbos* (“medo”), *kíndynos* (“perigo”), *empeiría*, *gnómē*...

Para além de se poder exprimir, através do vocabulário, ideias em oposição, o recurso a conetores frásicos que realcem o contraste negativo/positivo é bastante eficaz, principalmente pela variedade que permite, evitando uma monotonia sintática (algo que não existe em Tucídides).

O par *mén/dé* é usado, claro, mas nem sempre serve aos propósitos de Tucídides, como alerta J. Rusten (1990, p. 23). Adotando os termos deste autor a outros exemplos (continuo com estes dois discursos que têm sido usados), vejamos também outros padrões:

- 1) não tanto x quanto y – *oud’ ... hóson* – “A vossa inexperiência não é de modo algum *tão* grande quanto a vossa superioridade em coragem” (ὕμῶν δὲ οὐδ’ ἡ ἀπειρία τοσοῦτον λείπεται ὅσον τόλμη προύχετε – II.87,4).
- 2) não tanto x ... mas antes y (com *mállon* no segundo termo) – “nós viemos *não tanto* para combater no mar *mas mais* em terra” (καὶ οὐχὶ ἐς ναυμαχίαν μάλλον ἢ ἐπὶ στρατείᾳ ἐπλέομεν – II.87,2).
- 3) não x ... mas y (com *dē*) – *to mē...dé* – “o espírito *não* foi dominado pela força, *mas* conservou o seu poder de resposta” (τῆς γνώμης τὸ μὴ κατὰ κράτος νικηθέν, ἔχον δὲ τινα ἐν αὐτῷ ἀντιλογίαν – II.87,3).
- 4) outrora ... agora – *próteron, nún* – “e os erros que cometemos *primeiro*, agora servirão de lição”⁴ (καὶ ὅσα ἡμάρτομεν πρότερον, νῦν [...] διδασκαλίαν παρέξει – II.87,7).

Esta chamada “justaposição de alternativas” se adequa a um discurso que pretende inverter uma situação anterior: perdemos antes, mas podemos ganhar agora.

⁴ Tradução da autora.

June Allison (1997, p.148) chama a atenção para a grande frequência das formas de comparativo (*mállon*) e de superlativo (*málista*) do advérbio *mála*. Entre outros autores, coteja com Heródoto e Platão, que têm uma obra bem mais extensa, e o resultado apresentado é o seguinte:

a) ocorrências de *mállon*:

Heródoto – 110; Platão – 833; Tucídides – 359

b) ocorrências de *málista*:

Heródoto – 219; Platão – 576; Tucídides – 315

Através destes dados, Allison chega à conclusão de que, além das comparações terem um papel muito importante em Tucídides, estas construções (nomeadamente com *mállon*, como indicado) refletem uma associação primitiva que ligaria este advérbio à ideia de contraste e antítese (Schwab apud ALLISON, 1997, p. 148, n. 62), mesmo sendo numa comparação não explícita, contribuindo para conseguir um efeito dramático.

Vocabulário

Tucídides varia as opções no vocabulário consoante a utilização que lhe vai dar na obra. A necessidade de uso de terminologia erudita e técnica (quando, por exemplo, descreve batalhas, navios, desportos, construções, etc.) fornece mais credibilidade ao que relata. Tomando como exemplo o seu propósito de explicar a peste de Atenas como um médico, usa palavras técnicas (cerca de 120, 40 delas *hápax* em Tucídides – TORRES ESBARRANCH, 1980, p. 88) e procura mesmo a descrição de sintomas da doença de tal modo que, excetuando as ocorrências no *Corpus Hippocraticum*, é neste autor que aparece o maior uso de abstratos em *-sis* do campo semântico da medicina (TORRES ESBARRANCH, 1980, p. 85).

Jacqueline de Romilly (1967, p. 86-88) chama a atenção para a importância do vocabulário na transformação da Liga de Delos em império. É assim que aqueles que se associaram à força são chamados

súditos (*hupékooi*) e não aliados (*xýmmakhoi*), pois Atenas subjugou-os, ou “escravizou-os”. O verbo usado é *douloúōn*, o mesmo que é aplicado a Ciro e ao império persa, de quem, em I.16, se diz que “*reduziram à escravatura as cidades em terra firme, tendo Dario, tempos depois e já então no poder, que com as esquadras fenícias veio escravizar também as ilhas*” (τὰς ἐν τῇ ἡπειρῷ πόλεις ἐδούλωσε, Δαρειός τε ὕστερον τῶ Φοινίκων ναυτικῶν κρατῶν καὶ τὰς νήσους). Igualmente os distingue dos *arkhómēnoi*, também súditos (submetidos), mas sem a conotação de escravos. Esta palavra era usada, por exemplo, para os aliados que não pagavam tributo. A densidade que pode resultar desta sutileza nas opções que são feitas prende-se com uma maior exatidão nas descrições.

Hápax legómena

É longo o rol de *hápax legómena* (palavras com ocorrências únicas) em Tucídides. No apêndice do seu *Word and concept in Thucydides*, June Allison (1997, p. 251-258) apresenta uma lista exaustiva de cada uma das palavras *hápax* que são nomes abstratos terminados em *-ia*, *-sis* e *-mos*, dividindo-os em cinco grupos: 1) *hápax legómenon* em Tucídides; 2) *hápax legómenon* em Tucídides e sendo dele o mais antigo uso conhecido; 3) as palavras que são praticamente *hápax legómena*, pois só reaparecem em outros autores muitos séculos depois; 4) prováveis neologismos, pois é de Tucídides o uso mais antigo e só reaparecem em outros autores muitos séculos depois; 5) palavras que ocorrem mais do que uma vez em Tucídides, mas são praticamente *hápax legómena* da língua grega.

Numa coluna final do quadro apresentado, são indicados autores que também usaram as palavras listadas, e é interessante ver a frequência com que nomes como Platão (já que este autor nunca menciona Tucídides) e Aristóteles as usam, demonstrando assim a sua relevância: uma palavra como *próstaxis*, do campo semântico legal, em que Tucídides é indicado como o autor mais antigo a utilizá-la no sentido de “requisição”, é referida por Platão 25 vezes nas *Leis* e 8 na *República*, com o sentido de “decreto”; uma outra, *enantíōsis* (contradição), é referida

por Aristóteles 36 vezes na *Metafísica*.⁵ É curioso ver quando e em que tipo de obras alguns termos voltam a surgir, ao verificarmos que alguns só reaparecem séculos mais tarde, em Roma, com Dión Cássio (também historiador), nos séculos II-III d.C., ou em Atenas, pela mesma época, com Alexandre de Afrodísias (filósofo peripatético).

Abstrações

Em artigo de 1970, “Thucydides’ Use of Abstract Language”, Adam Parry afirma que os gregos foram o primeiro povo a desenvolver um vocabulário abstrato e propõe cinco níveis (ou etapas) de abstração, sendo aquele em que Tucídides se encontra o terceiro, também chamado de abstração social, isto é, são palavras abstratas, entidades independentes, mas que não perdem a sua referência humana e dramática (PARRY, 1970, p. 14). Considera ainda que o fato de Tucídides ter assistido ao fim de Atenas tê-lo-ia levado a perceber que o melhor que o homem pode fazer é criar uma civilização e que “this means creating in reality a situation where the intellect – that is, words – is in control of things”. As abstrações, então, seriam uma maneira de expressar o modo como vê o mundo (PARRY, 1970, p. 20).

O uso de nomes abstratos reveste-se, assim, de uma enorme relevância no estilo de Tucídides, subentendendo uma relação estreita entre linguagem e pensamento, pois cada opção revela um cuidado com a escolha da palavra mais adequada para expressar o conceito que está a ser exposto. O elevado número de abstratos na descrição da *stásis* em III.82 evidencia isto mesmo, além de isto ser “something that happens regularly when Thucydides approaches a subject from a more reflective position” (ALLISON, 1997, p. 167): note-se que existem nesse passo 36 formas em *-ia* e em *-sis*, que contrastam com uma total ausência de palavras como estas em III.83.

A liberdade a que se entrega, através da não separação de léxico próprio da prosa ou da poesia, como anteriormente referido, permite a Tucídides ser considerado uma exceção ao estilo da época, pois contraria duas tendências da língua grega: usa abstratos em nominativo

⁵ Fiz esta pesquisa no *Perseus* e no TLG (*Thesaurus Linguae Graecae*).

(implicando que, sintaticamente, fossem os sujeitos das frases) e nomes verbais abstratos em *-sis* (ALLISON, 1997, p. 106).

Também o uso destes abstratos com verbos predicativos, como *einai*, é objeto de estudo de Allison.⁶ A língua portuguesa permite uma mais clara (mas não completa) explicitação da ambiguidade que este tipo de frases proporciona, pois temos o verbo “ser” para o sentido identitativo, “ser” e “estar” para o predicativo, “existir” para o sentido existencial e, de novo, “ser” para o sentido veriditivo. Se associarmos a estes verbos os nomes abstratos, entraremos num nível profundo de descrição e compreensão dos fatos. Talvez por isso (e os números continuam a ser de Allison) se encontrem mais abstratos nos discursos e nas análises do que nas narrativas e, obviamente, nos tratados (que devem ser o mais factuais possível).

Há algumas palavras que se revelam muito interessantes pela utilização que Tucídides delas faz, empregando-as em sentidos diferentes (nas diversas acepções da palavra “sentidos”): *apodeiknymi* ou *deiknymi* são verbos do campo das sensações, dos sentidos, em que há um “mostrar” (para alguém “ver”), com um subentendido gesto a acompanhar, escusando as palavras. Contudo, *deiknymi* com oração infinitiva, ou com *hóti*, muda de campo sensitivo e significa “declarar, afirmar”. Quase na linha de *horáo* (“ver”) e do seu perfeito *hoída* (“sei”) com sentido presente: “sei porque vi” (verbos que, em grego, associam o entendimento aos sentidos, numa linha quase protagoriana), em *deiknymi*, o deítico aponta e expressa-se na declarativa.

Tucídides tem gosto pela definição dos conceitos. Em I.69,6, distingue *aitía* (“causa”; “acusação”; “culpa”) de *katégoría* (“acusação”). Dando como exemplo este passo, o dicionário de Lidell e Scott (Jones) baseia-se na definição que Tucídides apresenta de uma e de outra, e *aitía*, em oposição a *katégoría*, passa a significar “queixa”: “queixas fazem-se acerca dos amigos que erram, mas *acusações* são feitas contra inimigos que nos fizeram mal” (αἰτία μὲν γὰρ φίλων ἀνδρῶν ἐστὶν ἀμαρτανόντων, κατηγορία δὲ ἐχθρῶν ἀδικησάντων).

⁶ Cf. o cap. 4 – “Linguistics Considerations”. Contudo, para um estudo exaustivo deste verbo, ver o livro de Charles Khan (2003), indicado nas referências finais, que é uma versão atualizada da obra publicada em 1973, *The verb “be” and its synonyms*.

Em II.62,4 distingue *aúkēma* (vanglória) de *kataphrónēsis* (desdém):

Na realidade, um covarde pode ter *confiança em si próprio* que lhe vem da bem-aventurada ignorância, mas *desprezo* é privilégio daquele que confia na sua capacidade de raciocínio para dominar os adversários, como é o nosso caso.

αὐχημα μὲν γὰρ καὶ ἀπὸ ἀμαθίας εὐτυχοῦς καὶ δειλῶ τιν ἰεγγίγνεται, καταφρόνησις δὲ ὅς ἂν καὶ γνώμη πιστεῦη τῶν ἐναντίων προὔχειν, ὃ ἡμῖν ὑπάρχει.

Um terceiro exemplo, em III.39,2, em que conspiração (*epibouleúō*) e rebelião (*epanístēmi*) são diferenciadas de revolta (*apóstasis*), “pois revolta é a reação de quem é submetido à violência” e as outras aplicam-se quando há sedição, porque “tentaram destruir-nos ao lado dos nossos maiores inimigos” (τί ἄλλο οὗτοι ἢ ἐπεβούλευσάν τε καὶ ἐπανεστήσαν μᾶλλον ἢ ἀπέστησαν [ἀπόστασις μὲν γε τῶν βίαιόν τι πασχόντων ἐστίν], ἐζήτησάν τε μετὰ τῶν πολεμιωτάτων ἡμᾶς στάντες διαφθεῖραι).

Este passo é também interessante por mais duas razões: por um lado, apresenta outro exemplo do uso de *mállon*; por outro, usa formas verbais quando podia ter usado substantivos para dizer a mesma coisa (*epiboúleuma* por *epibouleúō*), implicando um aspeto de maior movimento.

Generalizações

Os provérbios expressam a sabedoria de um tempo e que nele é aceite como tal (FINLEY JR., 1963, p. 263). Apesar do grego ser uma língua rítmica, encontra-se rima nas frases sentenciosas (evito usar gnômico, visto que a *gnómē* em Tucídides tem outra acepção⁷), como se pode ver em alguns dos exemplos que se seguem.

As generalizações ultrapassam o mero provérbio, pois são frases que patenteiam o conhecimento que Tucídides tinha sobre, particularmente, a natureza humana (algumas vezes demonstra-o como narrador, outras através de personagens). Devido ao grande número

⁷ Em Tucídides, pensamento, razão, sentimentos que orientam a ação humana (HUART, 1973, p. 171).

de generalizações com que nos deparamos ao abrir qualquer discurso, houve necessidade de selecionar, pelo que se apresentam apenas algumas, retiradas do passo que escolhi e tenho usado como fonte de exemplos (exortações ao militares em Naupactó):

- II.87,4 – “o medo afasta o poder de lembrar e a perícia sem força física não tem qualquer utilidade” (φόβος γὰρ μνήμην ἐκπλήσσει, τέχνη δὲ ἄνευ ἀλκῆς οὐδὲν ὠφελεῖ).
- II.87,3 – “os homens podem ser derrotados pela Fortuna, mas quando, como homens corajosos, conservaram sempre verdadeiramente a sua determinação, não podem estes mesmos homens em circunstância alguma, usar a ignorância do que é a coragem como justificação da sua cobardia” (νομίσαι δὲ ταῖς μὲν τύχαις ἐνδέχασθαι σφάλλεσθαι τοὺς ἀνθρώπους, ταῖς δὲ γνώμαις τοὺς αὐτοὺς αἰεὶ ὀρθῶς ἀνδρείους εἶναι, καὶ μὴ ἀπειρίαν τοῦ ἀνδρείου παρόντος προβαλλομένους εἰκότως ἂν ἔν τι κακοῦς γενέσθαι).
- II.87,6 – “a vitória pertence geralmente a quem tem o maior número de combatentes e está mais bem preparado” (τὰ δὲ πολλὰ τῶν πλεόνων καὶ ἄμεινον παρεσκευασμένων τὸ κράτος ἐστίν).
- II.89,6 – “Adversários em grande número (como estes) atacam mais confiados na sua força física do que na sua habilidade. Mas os que são bem inferiores em número e não são obrigados a atacar atrevem-se a fazê-lo, certos do seu discernimento” (ἀντίπαλοι μὲν γὰρ οἱ πλείους, ὥσπερ οὗτοι, τῇ δυνάμει τὸ πλεον πίσυνοι ἢ τῇ γνώμῃ ἐπέρχονται: οἱ δὲ ἐκ πολλῶ ὑποδεεστέρων, καὶ ἅμα οὐκ ἀναγκαζόμενοι, μέγα τι τῆς διανοίας τὸ βέβαιον ἔχοντες ἀντιτολμῶσιν).

Documentos *verbatim*

O estilo de Tucídides não é homogêneo, como se tem vindo a analisar, e o problema da inclusão de documentos *verbatim* é um dos que prova isso mesmo.

Esta utilização levanta, entre outras questões (como a da data da composição, que não será explorada aqui), a da intenção de Tucídides: estariam estes textos destinados à versão final, nomeadamente os que tinham sido escritos num dialeto diferente? Ou pensaria Tucídides trabalhá-los e depois descartá-los? As intenções podem apurar-se através da especulação feita a partir daquilo que os textos nos apresentam. Hornblower (1996), que no segundo volume do seu comentário chama a esses tratados *raw-material* (i.e., documentos toscos, ainda em bruto), pergunta-se por que razão os teria Tucídides incluído.

Na introdução ao referido comentário, Hornblower apresenta as teorias que têm vindo a ser defendidas nos últimos cem anos. Alguns, como Kirchhoff, consideram que estes documentos foram inserções, pois não poderiam ser do conhecimento de Tucídides na época em que teria escrito a obra. Hornblower contesta, dando o exemplo da explicação que Tucídides faz do nome da cidade de Pilos, que também é chamada Corifásio pelos lacedemônios (IV.3,2), como sendo um antecipar do nome que ela toma quando consta no corpo do texto da paz de Nícias, de modo a fazer com que os seus leitores soubessem a que se referia; também acredita que a explicação da trégua em IV.16 é uma inovação, pois Tucídides usa nesse passo uma linguagem própria de documentos e não os documentos reais, tal como faz nas condições da trégua de IV.118-119 e V.18-19, e da aliança, em V.23. Hornblower também não considera que houvesse alguma lei estilística que proibisse a inclusão deste tipo de documentos. Em contrapartida, sugere que Tucídides tenha querido demonstrar ser de uma extrema exatidão e de gostar de pormenores, e não apenas uma manifestação de erudição ou de mania de autenticidade.

A dita explicação no nome da cidade de Pilos, que também pode ser chamada Corifásio, demonstra que os documentos *verbatim* se encaixam perfeitamente na história e que o autor conta com eles na sua narrativa.

Conclusão

Num pequeno estudo sobre o estilo de Tucídides, é forçoso que muitas pontas fiquem ainda por atar, e assim sempre será, pois, apesar de a *História da Guerra do Peloponeso* ser mais breve do que muitas outras obras, a sua riqueza possibilita que se continue a trabalhar em cada pedaço de texto. Alguns temas a serem desenvolvidos em estudos posteriores poderiam passar pela problemática da focalização, pelo estudo de algumas figuras de estilo, pelo uso do hipérbato (que se liga ao tipo de frases, comuns na estrutura grega, em que aquilo a que se pretende dar realce se encontra no fim),⁸ pelas repetições, justaposições e outras formas de, através da linguagem, se entender o relato da guerra e o que dela se pode tirar *ktēma te es aiei* (I.22,4).

⁸ A que os ingleses chamam *propositional sentences*, por oposição às *loose sentences*.